



CRÔNICAS AMBULANTES

LIVRO-REPORTAGEM

MARCOS MEDEIROS



CRÔNICAS AMBULANTES

FICHA TÉCNICA

Apresentação

Marcos Medeiros

Textos / Diagramação / Fotografia

Marcos Medeiros

Revisão e Orientação

Robson Braga

"TUDO É CRÔNICA. AINDA MAIS QUANDO PEGAMOS UM ÔNIBUS BEM LOTADO. E SÓ DE LER ESTAS FRASES, VOCÊ JÁ ESTÁ ME AJUDANDO".



002 APRESENTAÇÃO

A crônica que me trouxe aqui

Com certeza, andar de “busão” é o cotidiano de muitos, sejam estudantes, trabalhadores, turistas, idosos, crianças. Os ônibus também seriam uma boa forma de diminuir o trânsito na cidade. Claro, se menos brasileiros tivessem o sonho de ter seus carros/motos. Quem já se aventurou dentro dos coletivos sabe que eles são o palco de diversas histórias. E eis aqui algumas sobre personagens tão ricos chamados de ambulantes.

Antes, devo contar o que me trouxe até aqui. E tudo começou pelo fato de pegar ônibus e, mais tarde, precisar escrever crônicas para uma disciplina de Língua Portuguesa. Esse tipo de texto permite a mistura entre Jornalismo e Literatura. Tais escritos resultam de fatos cotidianos, que podem ser noticiados ou não, e que na ótica do cronista são boas pautas para uma escrita mais leve em relação ao jornalismo tradicional. E, mesmo quando ficcional, as narrativas não perdem sua relevância, pois se entrelaça com o que é observado na sociedade, sendo amparada pela verossimilhança.

Daí, ao observar o cotidiano, buscando bons temas para minhas crônicas, notei que muito do que eu escrevia tinha origem dentro de algum transporte público, visto que gasto boa parte do meu tempo me deslocando pela cidade. Eram histórias do povão, algo inusitado e momentos meus de reflexão.

Ônibus é um substantivo masculino oriundo do latim que significa para todos, embora o veículo pertença a uma empresa. É dentro dos coletivos que a cidade se encontra, a sociedade se apresenta em várias de suas facetas e alguns dos comportamentos sociais podem ser capturados. Desde colocando os pés onde não deve, ouvindo som sem fone de ouvido, fingindo estar dormindo para não ceder uma cadeira para um idoso... Ao ditado popular “o costume de casa vai à praça”, eu acrescentaria: “E ao ônibus também”.

Depois desse breve momento de reflexão sobre “busão”, senti que era a hora de me aprofundar mais nesse assunto tão querido e filosófico para mim. E

assim surgiu a ideia de escrever este livro-reportagem, fazendo um recorte nos vendedores ambulantes e artistas, esses personagens já conhecidos por muitos passageiros feito eu.

O livro se divide em três partes. A primeira é uma reportagem que descreve como é ser um vendedor ambulante nos coletivos de Fortaleza, além de apresentar dados, numa perspectiva jornalística, sobre essa prática que é econômica, mas também é social e cultural. A segunda parte é composta pelas crônicas que destacam algumas das histórias ouvidas e observadas por mim em minhas andanças pelos coletivos de Fortaleza. Por fim, a terceira parte narra brevemente tudo o que foi feito para produzir este livro e o que aprendi com isso.

Algumas das imagens que compõem essa produção jornalística são parte de um ensaio fotográfico, realizado com o apoio de amigos, vizinhos, pessoas que conheci ao pedir ajuda nas redes sociais para encontrar modelos e ambulantes que estavam pelo terminal da Parangaba no dia das fotos. O ensaio surge para suprir a necessidade visual de mostrar o ambiente em que ambulantes e artistas atuam, o ônibus, e contornar a dificuldade de andar com uma câmera fotográfica, esperando que essas ações acontecessem para serem registradas. Isso sem falar na questão da violência, que, infelizmente, existe dentro dos transportes e na cidade como um todo.

Registro novamente meu agradecimento a todos que se dispuseram a participar dessas fotografias. Agradeço ao Robson por entrar em contato com a assessoria da Etufor, permitindo-me utilizar um ônibus estacionado no terminal da Parangaba como cenário para o ensaio. Agradeço, ainda, ao Máximo, coordenador do Terminal da Parangaba, que me recebeu muito bem, dando todo o suporte necessário para a produção do ensaio.

Agora, embarque nesta viagem e, ao longo das paradas, permita-se refletir sobre as andanças deste ônibus lotado de histórias.

Próxima parada

003

||||||||||||||||||||||||||||||||||||||||| EMBARQUE



Para todos que encontraram a força para mudar

Redenção. É necessário se render para mudar. Mas de onde tirar forças? Olhos me ferem só de olhar. Quando faltam palavras de apoio, não faltam dedos para apontar seus erros. Nenhuma mão aparece para te erguer. A cruz é pesada, irmão. É difícil ver, quando nos acostumamos. Quando acreditamos estar sem saída, nos rendemos.

Reaja. É necessário reagir para mudar. Virado. Mais uma noite longe da família. Falsas amizades, falsas esperanças, falsas glórias. Eu acreditava estar no controle, até aquele dia. Do pó viemos e para o pó retornaremos. Aquela mensagem me fez perceber que eu precisava de ajuda. Foi um ato simples de reação imediata.

Refazer. É necessário se refazer para mudar. Quando recebi o panfleto do moço do ônibus, percebi o quanto estava perdendo momentos importantes da minha vida. Tão jovem, tão perdido. Minha mãe, meu pilar, quem me pediu para ir, pra não desistir, pra me refazer e voltar quando estivesse limpo. Me refiz.

Regras. É necessário seguir regras para mudar. Tive que sair de Minas Gerais, meu irmão saiu da Bahia, o outro veio de São Paulo. No Ceará, recebemos novas identidades. Um novo lar. São novos começos. Aceitei a fé. A regra agora é se entregar e reconhecer nossas limitações.

Recuperar. É necessário recuperar o que se perdeu para mudar. Cada dia distante do meu antigo eu era uma vitória. Me tornei uma nova criatura. É uma luta diária. É matar um leão por dia. A gente sente falta. Tem que ter força de vontade. A recuperação não acontece da noite pro dia. Adiante ela vem.

Reintegração. É necessário se reintegrar. Hoje o novo eu leva a mensagem dentro dos coletivos de Fortaleza. Meu trabalho é encontrar outros irmãos que estão perdidos e precisam de ajuda. Faz quatro anos que esse é meu testemunho: ex-dependente químico, agora “caneteiro”, vendedor nos ônibus. Minha história é testemunho de quem veio pela dor, mas ficou pelo amor. Amor próprio e dos que confiaram em mim. Recomecei.



O recomeço vem com a fé. Na foto Rafael Arruda.

Local: Fortaleza, Ceará
Sede da Instituição Manassés - Cidade dos Funcionários
Linha: 041 - Parangaba/Oliveira Paiva/Papicu



005 DESEMBARQUE

Uma breve conclusão

Chegar aqui não foi fácil. Foram muitas paradas até o desembarque. Escrever um livro-reportagem só aumentou a vontade de escrever outros livros, e ideias não me faltam agora. Ainda tenho muitas crônicas sobre os ambulantes e muito mais para observar fora dos ônibus. Ainda não me considero um cronista como Martha Medeiros. Até espero conhecê-la e, quem sabe, descobrir que somos primos.

A escolha do tema ambulantes foi muito por acaso. Começou na cadeira de Epistemologia do Estudo, com a professora Maria Aparecida de Souza, conhecida por todos como Cida, quando fui colocado em xeque sobre a escolha que faria para estudar e produzir meu trabalho de conclusão de curso, o famoso TCC. Foi quando lembrei que gostava de escrever crônicas sobre fatos que aconteciam dentro dos ônibus.

As minhas ideias ganharam novas asas com o professor Ricardo Jorge, na disciplina de Técnicas de Investigação Jornalística. E os arremates finais, de se tornar um livro-reportagem com crônicas, veio com a orientação brilhante do professor Robson Braga.

Todo o processo de apuração e escrita durou pouco mais de cinco meses. E foi incrível estar nessa jornada, sozinho, dedicando-me a conhecer pessoas, ouvir suas histórias, tentar dar voz a elas. Todas as crônicas são inspiradas em histórias que vivenciei e em relatos que ouvi. Em todas as entrevistas, dirigi-me ao local utilizando um ônibus, torcendo para encontrar mais ambulantes para entrevistar ou apenas conversar.

Tive que ser muito forte para não desistir em meio às dificuldades que apareceram. E foram muitas. Desde não encontrar uma fonte que eu gostaria muito que estivesse na reportagem, no caso uma mulher vendedora ambulante; até ter que criar um ensaio fotográfico para suprir a necessidade de ter imagens no livro. Além de não dispor de equipamento fotográfico próprio, suportes caros

para um estudante desempregado, ainda enfrentei o medo de perder uma máquina fotográfica emprestada, por conta da violência.

Nesse processo de pesquisa para o TCC, conheci pessoas que mostraram o valor de sobreviver, a cada dia, sem desistir e sem deixar de acreditar nas pessoas. Os ambulantes e artistas são exatamente isso: sobreviventes que dão um jeito para pagar suas contas e se alimentar, acreditando no próximo. Mais que uma atividade que corre o risco de ser proibida e retirada de dentro dos coletivos, é uma lição a ser aprendida.

O ensaio fotográfico foi produzido contando com o apoio de colegas e amigos, que compartilharam um vídeo deste escritor, em suas redes sociais, solicitando a participação voluntária de modelos. Conteí com a compaixão humana, até de pessoas que nunca tinham me visto, mas que decidiram ceder um pouco de seu tempo para me ajudar.

Escrever, fotografar, diagramar, editar foram tarefas que sempre desenvolvi no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Mas nunca imaginei que, justamente no meu TCC, tais tarefas iriam me dar tanto trabalho.

Desembarco agora para outras jornadas, imaginando quais paradas a vida me reserva. E, no fim, se a vida de jornalista não der certo, quem sabe eu comece a vender este livro nos ônibus de Fortaleza e tenha sucesso como mais um ambulante.

Marcos Medeiros



CRÔNICAS AMBULANTES

Desculpe incomodar o silêncio da sua viagem, não foi minha intenção. Eu podia estar matando, roubando. Mas não, tô escrevendo, contando histórias e observando tantas outras, para transformar em crônicas mais tarde. Talvez você nunca tenha notado, ou talvez já foi parte de um dos vários acontecimentos dentro de um ônibus. Ao embarcar neste coletivo chamado *Crônicas Ambulantes*, você vai conhecer um pouco da vida de pessoas que muitas vezes passam despercebidas

por nós, que utilizamos diariamente o transporte público. São vendedores ambulantes, são artistas dos busão. Este livro é só um resumo, já que todo dia são novos e infinitos fatos. Por fim, lembre que cada parada que fazemos é uma reflexão que temos ao desembarcar e que a compaixão é um belo dom da humanidade. Tudo é crônica. Ainda mais quando pegamos um ônibus bem lotado. E só de ler estas frases, você já está me ajudando.